

O ENTENDIMENTO DA VERDADE E SUAS IMPLICAÇÕES NA COMPREENSÃO DO QUE É PATOLÓGICO

Allan Petter Alves do Nascimento¹

Luiz Fernando Duran Iório²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é, através da análise da construção ontológica do conceito de verdade em Jean-Paul Sartre e do conceito de patologização da normalidade de Paulo Roberto Ceccarelli, investigar como pode ser utilizado o conceito de verdade em uma organização que se articula para promover a manipulação, levando em consideração a possibilidade de que muitos sujeitos fundamentam suas existências sobre determinadas formas de verdade. Conforme demonstrado por Ceccarelli, é possível identificar formas de discurso carregadas de ideologias que se alicerçam em verdades que servem ao interesse de uma parcela restrita da cultura, com vias de gerar lucro através do adoecimento psíquico de uma grande parcela de sujeitos manipulados e/ou explorados.

PALAVRAS-CHAVE: Patologização. Sartre. Cultura. Ontologia.

THE UNDERSTANDING OF TRUTH AND ITS IMPLICATIONS IN THE COMPREHENSION OF WHAT IS PATHOLOGICAL

ABSTRACT

The objective of this work is to, through the analysis of the ontological construction of the concept of truth in Jean Paul-Sartre and of the concept of pathologization of normality of Paulo Roberto Ceccarelli, investigate how can be used the concept of truth in an organization that articulates to promotes manipulation, considering the possibility that many subjects substantiate their existence on certain forms of truth. As demonstrated by Cecarelli, it is possible to identify forms of discours loaded with ideologies that are based on truths that serve the interest of a restricted part of culture, with ways to generate profit through psychic illness of a large number of manipulated and/or exploited subjects.

KEY-WORDS: Pathologization. Sartre. Culture. Ontology.

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais - CESCAGE. Email para contato: allan_pa_nascimento@outlook.com

² Mestre e Doutor em Filosofia na linha de pesquisa de Filosofia da Psicanálise. Professor do Curso de Psicologia da Faculdade Herrero em Curitiba/PR e no Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais em Ponta Grossa/PR. Email para contato: luizfernandodiorio@outlook.com

INTRODUÇÃO

Ao refletirmos sobre o entendimento do que chamamos de verdade, em um primeiro momento parece ser óbvio que exista aquilo que é verdadeiro e aquilo que é falso. Porém, se analisarmos pormenorizadamente como se forma aquilo que de imediato denominamos como verdadeiro e/ou falso, perceberemos que a tarefa de distinguir os primeiros dos segundos não é tarefa fácil pois exige do sujeito reflexão acerca da construção cultural de seus preconceitos e crenças.

Assim sendo, o sujeito pode viver a quase totalidade de sua vida sem se questionar sobre os motivos que o levaram a determinar situações ou objetos de crenças como verdadeiros. Por vezes, o sujeito pode ser levado à sensação que esta construção é algo realizada de maneira externa a nossa vivência, gerando uma passividade do sujeito perante aos aspectos estruturantes que o cercam, é como se os fatores sociais, culturais, históricos, ambientais, econômicos, políticos, nos apresentassem concluídos esses conceitos de verdades, pois contribuem para estabelecer padrões normatizantes, baseadas nas “verdades instituídas”, socialmente aceitas.

Para compreender como ocorrem esses movimentos sociais baseados em verdades instituídas, buscamos em Paulo Roberto Ceccarelli (2010), psicanalista que cunhou o conceito de patologização da normalidade e que apresenta uma hipótese de leitura do século XXI. O autor entende que é possível, através da análise dos discursos dominantes, identificar e denunciar um movimento realizado por alguns grupos que se apropriam de discursos de “verdades” e utilizam-se deles para controlar outros grupos sociais através desta “patologização”.

Neste sentido, por intermédio dos apontamentos elaborados pelo autor, podemos tecer uma leitura aproximada de como ocorrem as relações externas, ao considerar as inter-relações do social³ e de como estas impactam as experiências cotidianas dos sujeitos. Porém, não se faz possível compreender os aspectos internos presentes nesta dinâmica da patologização da normalidade. Não pretendemos com a palavra “internos” tentar demarcar algo como um mundo

³ Entendesse como relações sociais, aquelas que fazem parte de nosso cotidiano, são partes constitutivas do sujeito, mas não são as definidoras do seu ser. (SCHNEIDER, 2011, p.154)

“interno dos sujeitos”, pelo contrário, estamos nos referindo ao campo da ontologia mais precisamente da sartriana;

Quer dizer que na busca da definição de “quem somos” não chegaremos a lugar algum se olharmos para “dentro de nós mesmos”; devemos, sim, olhar para a realidade circundante, para o significado que atribuímos às coisas, para o nosso conjunto de relações de funções que os objetos têm sobre nós.

Sendo assim, as coisas adquirem significado conforme a situação em que se está inserido e implicam na experimentação psicofísica que dela se tem (SCHNEIDER, 2011 p. 117-118).

Desenvolveremos nossa análise partindo da formação de um conceito de verdade, descrito pela filosofia ontológica de Jean-Paul Sartre, uma vez que o sujeito sartriano tem sua origem nesta relação interna, que o liga ao meio e aos Outros. De antemão, justificamos que não iremos neste momento nos aprofundar na definição do conceito de “Outro” para manter o foco principal desta discussão. No entanto, partiremos das contribuições do autor ao afirmar que:

[...] o Outro não é somente uma verdade ausente que viso através da presença concreta de um objeto em meu universo; é também uma relação concreta e cotidiana que experimento a cada instante: a cada instante o Outro me olha (SARTRE, 2015, p. 332).

Entendemos como sendo relevante a crítica formulada por Sartre sobre a forma de pesquisa realizada nas Ciências Humanas e em especial na psicologia que, segundo o filósofo, partiam de aglomerações de fatos, sem conseguir demonstrar as ligações internas afirmadas anteriormente ou e conforme demonstra Spohr “era preciso responder o que são o homem e o mundo e como se relacionavam os fatos singulares e suas essências”. (SPOHR, 2011, c. f. 910)

Em síntese, na primeira parte de nosso trabalho, partiremos em busca de compreender a maneira como é construído o que entendemos como verdade e/ou verdadeiro, tendo por base um conceito de verdade formulado ontologicamente. Num segundo momento buscaremos analisar o conceito de patologização da normalidade, o qual tem por objetivo introduzir um fenômeno social presente no século XXI.

1 METODOLOGIA

Nossa pesquisa, de acordo com Gil (2002, p.41-44), se enquadra como uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico e de caráter qualitativo. Explica o autor “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. Ainda segundo o mesmo autor “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Nossas principais referências serão formadas por uma obra filosófica de Jean-Paul Sartre, (*Vérité et existence*, 1948) por obras de comentadores deste autor, e o artigo de Paulo Roberto Ceccarelli, (*A Patologização da normalidade*, 2010).

A classificação de nossa pesquisa bibliográfica se enquadra dentro da abordagem qualitativa, sendo esta uma forma de pesquisa mais voltada para os aspectos subjetivos do objeto de investigação. Como exemplificado a seguir:

[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21-22).

Para a análise dos dados levantados utilizaremos majoritariamente da técnica hermenêutica, sendo que também poderá ser necessário em alguns momentos da pesquisa a utilização do método dialético para tal investigação, uma vez que podem surgir pontos contraditórios que venham a aparecer no decorrer dos estudos. Seguindo a conceitualização de Dutra (2001, p. 82):

Em suma, hermenêutica refere-se a um método de interpretação, primeiro de textos, depois do universo social, histórico e psicológico e, posteriormente, do Ser.

Na mesma direção, Santos (2018, p.2) define o método dialético como os

[...] estudos que se propõem a explicar objetos sociais que impliquem a análise das relações estabelecidas entre os seres humanos, seus meios de produção, de vida, de consumo, e as contradições e o movimento existentes nestas relações, podem encontrar no materialismo dialético o aporte necessário à produção do conhecimento.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O CONCEITO DE VERDADE EM SARTRE

A definição do conceito de verdade que será demonstrada nesta análise se fundamentará principalmente na obra póstuma de Jean-Paul Sartre, *Verdade e Existência* (1948), tendo esta chegada ao Brasil com a tradução de Marcos Bagno e revisão técnica de Bianca Faveret em 1990, pela editora Nova Fronteira. A obra faz parte de uma série de manuscritos inéditos do autor que foram escritos em um período de amadurecimento de sua filosofia, após ter lançado sua obra magna, *L'Être et le Néant* (1943), Sartre busca formular uma filosofia da moral existencialista, projeto este que foi abandonado pelo autor.

Sobre esta questão, temos a obra do autor István Mészáros, intitulado *A Obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da história*, lançado no Brasil pela editora Boitempo (2012). Onde o autor, contemporâneo de Sartre, busca através de uma análise da obra completa e da biografia do filósofo existencialista, entender suas contradições e suas contribuições ao pensamento filosófico do século XX.

Sendo uma das primeiras propostas de análise do livro entender o que estaria por traz das várias obras inacabadas de Sartre. E o assunto é tratado mais diretamente nos quatro primeiros capítulos da obra.

Tendo em vista que o foco de nosso trabalho não é o aprofundamento nesta questão, cabe apresentar uma breve síntese do que Mészáros (2012) apresenta como sendo o motivo pelo inacabamento do projeto de fundamentação de uma moral filosófica existencial por Sartre.

Segundo Mészáros (2012, p. 134):

A integração e a fusão estruturais das categorias funcionam, é claro, nos dois sentidos. Não apenas as categorias antropológico-ontológicas são permeadas pela moralidade existencial, mas também, inversamente, as categorias da ética sartriana só são plenamente inteligíveis em seu contexto antropológico-ontológico. “Responsabilidade”, “liberdade”, “possibilidade”, “escolha”, e assim por diante não são exatamente o que significariam numa proposição ética específica [...]. Por isso é que a filosofia moral de Sartre deve permanecer *latente*, resistindo a todos os seus esforços visando organiza-la como sistema de moralidade relativamente autônomo.

O que Mészáros (2012) tenta demonstrar é que existe uma circularidade própria da filosofia fenomenológica existencial de Sartre que não pode ser desconsiderada, pois o filósofo desenvolve todo seu sistema filosófico fundamentado no “ser” e na “impregnação prática necessária dos pontos de vista teóricos” (MÉSZÁROS, 2012, p. 149).

Dentro desta ótica, mesmo esta obra não tendo sido finalizada por Sartre e por ela apresentar conceitos que serão devidamente fundamentados em *Critique de la Raison dialectique* (1960), dentre eles, a relação de transformação de subjetividade em objetividade, ainda assim podemos identificar seus fundamentos básicos. É destes fundamentos básicos que nos serviremos no presente escrito.

Buscaremos encontrar os pontos que, de acordo com (SAES, 1993, p. 216), demonstram o amadurecimento da filosofia sartriana presente neste escrito. Além disso, evidenciar também os pontos que explicitam a não finalização desta obra, também narrado pela autora em sua resenha.

Temos, portanto, como principal foco de nossas investigações a obra de Sartre (*Vérité et existence*, 1948). Além dela, utilizaremos também comentadores para desenvolver nossas análises.

Iniciaremos nossas considerações apontando para a diferente grafia do termo “verdade” neste texto sartriano. Sartre utiliza, por vezes, o termo “verdade” (vérité), com v minúsculo e, por vezes, o termo “Verdade” (Vérité) com v maiúsculo. O que já pode se enquadrar no que (SAES, 1993) viria a ser a falta de completude deste escrito sendo que não aparece de maneira em separado, ou de maneira mais aprofundada esta distinção.

Porém, verificamos no texto, uma citação que pode nos auxiliar a compreender melhor esta diferença de escrita pelo autor. O qual diz:

Assim, a verdade total é uma realidade concreta, pois é o desenvolvimento da manifestação através de *toda*⁴ a história humana e a manifestação é manifestação de *tudo*. Entretanto, o ideal de Verdade não é a recuperação de todo o objeto pela subjetividade concebida como totalidade. Pois o Em-si, ao manifestar-se, permanece Em-si e não se dissolverá jamais em nenhum para-si. Ademais, a subjetividade desveladora chamará sempre uma subjetividade que transforma seu desvelamento em em-si para-si, porque a humanidade é totalidade-destotalizada. O ideal da Verdade é somente que *todo* o Ser seja iluminado e que assim permaneça (SARTRE, 1990, p.25).

⁴ Grifos do autor

Notamos que, nessa citação, estão exemplificadas várias informações, não apenas sobre a provável motivação para ser escrito a palavra verdade de duas maneiras distintas, como também um indício de como se dá o processo de desvelamento da verdade de maneira intersubjetiva, ou seja, com a participação de um outro neste processo.

Para permitir uma análise mais esclarecedora do trecho supracitado, será necessário realizá-la em partes. Buscando primeiro identificar a diferenciação do conceito de verdade.

Neste sentido, podemos observar que do início da citação até o segundo ponto, Sartre associa a palavra verdade com v minúsculo com “uma realidade concreta” (SARTRE, 1990, p.25) e acentuando e destacando em dois momentos a palavra “*toda, tudo*” o que nos leva a compreender que esta relação de verdade (com v minúsculo), está associada diretamente ao Em-si e por este motivo, segue a mesma definição, o qual diz “[...] respeito ao ser dos objetos, é plenitude, escapando da temporalidade e esgotando-se em si mesmo” (VIEIRA JUNIOR; ARDANS-BONIFACINO; ROSO, 2016, p.121).

Ou seja, este conceito de verdade dentro da perspectiva deste escrito, está associada a uma verdade sem movimento, estática e por este motivo também, uma verdade nas palavras do próprio autor “morta”. Ao exemplificar o que seria uma verdade morta, Sartre afirma: “Uma verdade eterna é uma verdade morta e retornada ao Em-si” (SARTRE, 1990, p.33); corroboramos com o entendimento de que o termo ‘*verdade*’, uma vez que está ligado à realidade concreta, também estaria ligado ao Em-si. Contudo, Sartre prossegue afirmando que esse fato não a torna menos verdadeira, porém: “Torna-se *indeterminada*, ou seja, não mais a apreendemos em seu contexto” (SARTRE, 1990, p.33). Assim sendo, esta verdade estará associada a questões pelas quais não se participa ativamente do processo de desvelamento sendo ela já desligada dos sujeitos de maneira direta e por este motivo se tornaram atemporais.

Por outro lado, o conceito de Verdade com letra maiúscula, como demonstrado na primeira citação, está vinculado diretamente à subjetividade e Sartre neste trecho delimita como “ideal de Verdade” assim como podemos perceber

em suas próprias palavras, “Entretanto, o ideal de Verdade não é a recuperação de todo o objeto pela subjetividade concebida como totalidade”. (SARTRE, 1990, p.25). Neste ponto fica evidente que está “Verdade” está ligada ao contrário do conceito anterior, ao movimento, ao devir que é próprio do ser humano.

Mais adiante, ainda no que se refere à primeira citação, constatamos que existe uma forma de convocação da subjetividade desveladora, isto significa que a subjetividade que diretamente entra em contato com o Em-si, a uma segunda subjetividade. Deduzimos que aqui o autor está demonstrando o papel do Outro, na construção de uma Verdade de forma intersubjetiva.

Porém, Sartre parece não deixar claro o motivo pelo qual existe esta necessidade de se convocar a presença de uma segunda subjetividade. Temos alguns indícios no próprio trecho, quando Sartre afirma que é esta segunda subjetividade que transformara o desvelamento da primeira em em-si para-si, transformando assim aquele desvelamento que em um primeiro momento é subjetivo, e que por si só não possui capacidade de alcançar o objeto desvelado, e transformá-lo em objetivo para a subjetividade desveladora.

Diante do contexto apresentado, perguntamos: Como podemos explicar/demonstrar essa dinâmica? De acordo com (GONÇALVES, 2013, p.56), na filosofia sartriana existe uma ligação interna que liga o Para-si ao Outro, e esta ligação se dá pelo olhar, ao afirmar que:

O olhar do outro petrifica o Para-si de uma forma muito semelhante ao olhar da medusa. O outro solidifica sua liberdade e o qualifica. Mas o Para-si nunca tem acesso à consciência do outro. Porém, precisa do outro para ter uma objetividade.

A partir dessa informação, podemos compreender último trecho da citação onde Sartre (1990, p. 25) afirma que: “[...] a humanidade é totalidade-destotalizada. O ideal da Verdade é somente que *todo* o Ser seja iluminado e que assim permaneça”. Podemos evidenciar que, ao afirmar que a humanidade é uma totalidade destotalizada, o autor demonstra que aquilo que acreditamos ser toda uma verdade sobre determinado Em-si, não o é, pois conforme demonstramos, nossa subjetividade não é capaz de desvelar toda completude do objeto, assim como não conseguimos ter como uma Verdade sem a presença de um Outro para concluir a objetificação do desvelado. Isso transforma esta última afirmação de que

“todo Ser seja iluminado e assim permaneça”, em um movimento *ad infinitum*⁵, uma vez que uma verdade estática é uma verdade morta, ou seja, para mantê-la como uma Verdade, é necessário que ela seja constantemente revisitada para que se mantenha o movimento e compartilhada com o Outro. Concluimos, portanto, que o ideal de Verdade se estabelece como um movimento, e que por ter uma ligação interna com a intersubjetividade, também o determina como histórico e social.

Dando prosseguimento a análise da citação, investigaremos agora se no escrito de Sartre ficam evidenciadas essas duas últimas categorias, da verdade ser histórica e social.

Retomando à primeira citação podemos observar que, ao falar da verdade, Sartre (1990, p.25) afirma “a verdade total é uma realidade concreta, pois é o desenvolvimento da manifestação através da *toda* a história humana e a manifestação é manifestação de *tudo*”. Aqui, ao escolher os termos *toda* e *tudo*, que deduzimos estar vinculado ao Em-si, entendemos que Sartre aponta para a distância insuperável. Dito de outro modo, impossível de ser transposta em direção ao Em-si e que é exatamente o que promove o movimento histórico.

No texto que estamos analisando, Sartre afirma: “[...] a verdade é um evento absoluto cuja aparição coincide com o surgimento da realidade-Humana e da História” (SARTRE, 1990, p.25) e continua afirmando, “Assim, a verdade não é uma organização lógica e universal de ‘verdades’ abstratas: é a totalidade do Ser enquanto é manifestado como um há na historialização da realidade-humana”. (SARTRE, 1990, p.21).

Neste mesmo sentido o de demonstrar a intencionalidade por traz desta relação intrínseca entre a verdade e a história humana, também aparece nas análises de Silva (2003, p.48) ao afirmar que:

Esse acontecer histórico de toda e qualquer verdade é que faz com que o homem viva **historicamente**⁶ na verdade como peixe na água. **Historicamente** significa: num processo constante de desvelamento daquilo que pode **acontecer** na relação distanciada entre o em-si e o para-si.

⁵ INFINITO (gr. caretpov; lat. *Infinitem*, in. *Infinite*, fr. *Infini*; ai. *Unendlich*; it. *Infinito*). Este termo tem os seguintes significados principais, entre os quais existem algumas semelhanças: 1L> I. matemático, que é a disposição ou a qualidade de uma grandeza; 2- I. teológico, que é a não-limitação da potência; 3S I. metafísico, que é a não-completude. (ABBAGNANO, 2007, p. 562)

⁶ Grifos do autor

Após termos desenvolvido esta delimitação do que viria a ser o conceito de Verdade segundo a filosofia ontológica de Jean-Paul Sartre, cabe-nos agora analisar nosso segundo conceito, na tentativa de diálogo entre ambos para o desenvolvimento de uma síntese final a nossas investigações.

3.2 O CONCEITO DE PATOLOGIZAÇÃO DA NORMALIDADE DE CECCARELLI

Neste momento faremos uso do conceito de patologização da normalidade de Ceccarelli, devido ao fato de o autor apresentar uma síntese de movimentos sociais presentes no século XXI.

De acordo com o autor, foi a própria mudança de paradigma da ciência que de certa maneira ajudou a alicerçar isso que posteriormente ele chamara de patologização da normalidade. Ceccarelli considera que a ruptura que ouve na física, a saber, a passagem do universo newtoniano para o einsteiniano, assim como o avanço tecnológico acelerado obrigaram a uma reorganização psíquica à sua maneira de se situarmos no mundo (CECCARELLI, 2010, p. 4).

E pela compreensão do autor de sujeito enquanto um ser determinado historicamente pode se destacar:

[...] a cartografia discursiva atual que cumpre essa finalidade tem sido utilizada como uma forma de controle que corre o risco de patologizar a normalidade e até mesmo de criar situações que promovem um maior surgimento de psicopatias. (CECCARELLI, 2010, p. 6).

O autor ainda desenvolve esta relação entre os movimentos históricos do século XXI e essa nova reorganização psicológica. Todavia, não caberia aos propósitos de nosso trabalho demonstrar de maneira pormenorizada essas questões, aqueles que desejarem este aprofundamento recomendamos a leitura do artigo (que se encontra em nossas referencias) na integra.

Seguiremos nossa análise do conceito de patologização da normalidade por meio do artigo científico supracitado por meio do qual o autor transcreve as questões que foram levadas por ele ao XVIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, no intuito de fomentar a discussão entre seus pares, sobre o papel dos psicanalistas

diante ao fenômeno da contemporaneidade que Ceccarelli denominou “patologização da normalidade”. O que o autor quer dizer com este termo?

Logo no segundo parágrafo de seu artigo o autor já nos apresenta uma primeira delimitação de o que ele pretende indicar com este conceito ao conceituá-lo:

Entendo por patologização da normalidade toda forma discursiva geradora de regras sociais e normas de conduta que são utilizadas para classificar, etiquetar e às vezes punir (CECCARELLI, 2010, p.2).

O autor demonstra que seu conceito trata não apenas da questão patológica em si, mas também de uma questão relacional, onde podemos identificar uma relação de “forças” entre o sujeito e a sociedade como um todo.

No decorrer do seu texto, Ceccarelli (2010) comenta sobre o impacto da ciência sobre a humanidade e como essas seriam as bases para nas palavras do autor:

[...] um discurso carregado de uma ideologia normativa que utiliza de um saber ‘científico’ para transformar as singularidades em anomalias e atos espontâneos em desvios (CECCARELLI, 2010, p.9).

Notamos que no trecho destacado o autor coloca a palavra científico entre aspas, o que nos leva a compreender que aí estaria algo como uma “subversão” das características originais do que viria a ser o saber científico. Mas quais são as características da ciência?

Segundo Nicola Abbagnano, em seu *Dicionário de Filosofia* (2007, p.136):

As diferentes concepções de Ciência podem ser distinguidas conforme a garantia de validade que se lhes atribui. Essa garantia pode consistir: 1º na demonstração; 2º na descrição; 3º na corrigibilidade.

Seguindo essa definição de ciência, podemos compreender o porquê das aspas, afinal, a terceira distinção, a saber, a corrigibilidade, deveria servir como uma maneira de garantia de não estabelecimentos de verdades, o que no discurso de Ceccarelli, está sendo denunciado é exatamente um caráter normativo opressor que se disfarça de científico.

O autor do mesmo modo afirma que o fenômeno por ele denominado patologização da normalidade, também tem cooptado os profissionais do psiquismo

para reforçar essa construção coletiva de uma racionalização. Termo usado, frequentemente por:

Psicólogos e sociólogos para indicar a tendência a procurar argumentos e justificações para crenças cuja força não está nesses processos racionais, mas em emoções, interesses, instintos, preconceitos, hábitos etc. (ABBAGNANO, 2007, p. 822).

Ao passo que, existe um grande aumento das convocações destes profissionais aos espaços públicos, sendo esses colocados em uma posição de opinar sobre temas sociais e muitas vezes os veículos utilizados para esses debates públicos utilizam de teorias psicológicas. **“Como se elas tivessem o poder, sem dúvida perverso, de deliberar sobre o normal e o patológico”**. (CECCARELLI, 2010, p. 6)

Para sustentar sua argumentação de que essa forma desmedida e opressora de saber *científico* tem impactos diretos na subjetividade dos sujeitos, Ceccarelli (2010, p.10) afirma que:

Cada vez mais a genética vem ganhando espaço em detrimento da subjetividade - conhecemos as consequências do eugenismo -, o que só aumenta os lucros da indústria farmacêutica. Imagens cerebrais permitem "ver" a insônia, as dores lombares, o estresse e até o pensamento. Na realidade, trata-se de um uso ideológico da ciência, na medida em que ela nos leva a crer que tudo se explica por mecanismos cerebrais, deixando assim de lado o sujeito e sua história.

Podemos então entender que ao definir o conceito de Patologização da normalidade, Ceccarelli (2010), está indo para além de um discurso apenas psicopatológico, ele está denunciando um movimento que se apropria do saber científico e faz dele um meio de subjugar o sujeito e sua história, ou seja, uma forma de controlar as pessoas pela objetificação destes.

3 DISCUSSÃO

A partir da análise dos conceitos anteriores, resta-nos neste momento, buscar a compreensão de quais são os possíveis pontos de síntese que podem ser desenvolvidos entre os dois, considerando, naturalmente, que não temos o intuito de esgotar todas as possíveis formas de entendimento quanto ao assunto exposto.

Assim sendo, daremos início ao processo de aproximação, através da tentativa de delimitar em quais das duas formas de verdade melhor se enquadra o conceito de patologização da normalidade, tendo em vista que o primeiro, por ser derivado de uma filosofia ontológica, pode nos fornecer desta maneira um ponto de vista ontológico a este fenômeno do século XXI no qual estamos inseridos.

Em uma primeira aproximação, se utilizarmos como base alguns termos utilizados por Ceccarelli (*cf.* 2010, p.10), para definir a patologização da normalidade como, “classificar, etiquetar”, e “deixando assim de lado o sujeito e sua história”, o que nos leva ao entendimento de que retirasse do sujeito o movimento próprio do ser humano que é o da história. Teríamos a falsa ideia de que poderíamos dizer que este é um caso de verdade, ou seja, aquela verdade estática e morta, do Em-si. Porém, o autor demonstra que a patologização da normalidade se configura como um movimento que impõem normas ao social.

Desta maneira, o melhor enquadre possível para a Verdade produzida através deste conceito seria a do ideal de Verdade de Sartre, o qual é produzido através da intersubjetividade, e que em essência não tem em si uma conotação “boa” nem “ruim”. Resta-nos agora a tentativa de compreender melhor esta ligação e utilização desta forma de Verdade e como poderia ela afetar a relação histórica dos sujeitos.

Ao afirmarmos a ligação entre o conceito de patologização da normalidade ao de Verdade, entendemos então que esta Verdade produzida no movimento contemporâneo tem como seus fundamentos o fato de ter que ser continuamente revisitada pelas pessoas que executam por assim dizer o seu desvelamento e não apenas isso como também deve ter a convocação do Outro – que aqui aparece com letra maiúscula para sinalizar um Ser-outro, ou seja, o Ser que vai transformar em-si para-si – o que pode ser evidenciado quando se convoca não apenas os profissionais do psiquismo como o discurso científico para serem colocados neste lugar de Outro.

Neste sentido, nos cabe-nos interrogar, como esta forma de Verdade, que segundo Sartre se configura como indissociável do movimento histórico e, desta maneira da construção da realidade humana, podendo ser utilizado para justamente negá-la.

Cabe-nos neste momento, lembrar que Sartre (1990, p.25) afirma “a humanidade é totalidade-destotalizada”, ou seja, que a humanidade é este movimento contínuo do *singular-plural-singular*, onde mesmo este conceito de Verdade sendo ligado diretamente ao movimento histórico, pode ser de certa maneira utilizado por aspirações individuais. Mas que em certa medida são compartilhados, caso contrário não teria como ter origem neste tipo de Verdade. Servem aos propósitos desta parcela da população, a qual denominaremos, por ora, de opressora para que, munidos desta Verdade – a qual já sabemos que mesmo sendo mais precisa que a outra ainda assim não corresponde totalmente ao Em-si (o mundo e seus objetos) – se colocam em posição de um Outro para a parcela da sociedade que será oprimida.

E os opressores, apenas pelo fato de ocuparem esta posição de Outro como vimos anteriormente, já possuem a capacidade de subtração temporária da liberdade do sujeito oprimido, mas neste caso em particular o Outro não objetiva a subjetividade do oprimido para ajudá-lo na constituição de sua Verdade. Ele traz consigo não apenas a Verdade do opressor como também um Outro auxiliar, que delimitamos anteriormente como sendo os profissionais do psiquismo e o saber científico, para objetificar ainda mais o oprimido, diminuindo assim as possibilidades de encontrar meios para desvelar suas Verdades.

Como podemos analisar até este momento, o Outro pelo simples motivo de ser este Outro, já possui uma capacidade alienante sobre o sujeito e isso já está presente a nível ontológico. Deste modo, notamos que este poder alienante ontológico pode ser de alguma maneira mantido e transportado para outros níveis como o antropológico e psicológico, os quais caberiam a construção de novas investigações para maiores delimitações e aprofundamentos.

Quando estamos tratando de alienação, neste contexto, entendemos as múltiplas possibilidades de significados que esta palavra pode apresentar, porém entendemos assim como Sartre, a alienação enquanto uma maneira de sequestro da liberdade do sujeito pelo Outro. Sendo este outro além de sequestrador das possibilidades e/ou liberdade também é aquele que neste contexto me impõe uma verdade da qual eu não participo da sua constituição direta, pelo fato de que aqui nos vemos em uma dinâmica de grupo.

Nesta mesma direção, como afirma Schneider (2011, c. f. 147-165) diante da concepção sartriana, para que se acabe o ciclo de alienação que existe ontologicamente, de sequestro de liberdades pelo encontro de dois sujeitos, os quais apresentam ambos a capacidade de alienar é necessário a existência de um terceiro sujeito. Isto é, um terceiro Outro que irá validar aquele conjunto de dois sujeitos como um grupo. Que aí tendem a ter como grupos suas próprias características. Ou ao menos deveria ter.

Seguindo esta linha de pensamento, deduzimos que o movimento de patologização da normalidade, se utiliza de um ser ideal que foi criado como para se parecer com uma *ciência*, porém como visto anteriormente não corresponde aos requisitos básicos para assim ser considerada. Desta maneira eles se utilizam de um outro ideal formado parcialmente pelo que numa perspectiva sartriana podemos chamar de uma verdade morta, que em si não faz parte do mundo temporalizado pela dialética entre para-si/Em-si e por isso é estática. Para validar formas/maneiras específicas de constituições grupais onde estes Outros proliferadores desta verdade morta se utilizam de suas capacidades alienantes para inserir e manter novos sujeitos nesses grupos mascarando então aquela que em sua essência se encontra como uma verdade morta em um ideal de Verdade pelo seu constante movimento de um falso desvelar.

Em consonância com o apontado na resenha crítica de Saes (1993) é constatável uma incompletude do texto de Sartre. Toda via, ainda assim identificamos apontamentos relevantes apresentadas pelo autor. Ainda que alguns conceitos não tenham sido aprofundados ou delimitados podemos inferir que isso se deve ao fato de Sartre já ter neste período lançado suas bases ontológicas em *L'Être et le Néant* (1943) e por ele não ter dado continuidade ao seu empreendimento da construção de uma moral.

4 CONCLUSÃO

Concluimos, por tanto, que o movimento apontado pelo conceito de Ceccarelli é um movimento que algo que possui suas raízes em uma predisposição ontológica de dinâmica com o Outro sartriano, deduzimos isso de nossa leitura sartriana.

Contudo, não se constitui como nosso objetivo normalizar a questão, até porque seria impossível. Ao apontarmos a alienação e a dupla relação com o Outro em um nível ontológico, objetivamos demonstrar que por este motivo é próprio e latente nesta dinâmica o potencial que o Outro tem de alienar o sujeito e este de alienar o Outro. A questão central está muito mais nisso que foi estabelecido como uma verdade morta (estática) que como visto não apresenta em sua essência um caráter bom nem ruim.

Conforme demonstramos, o simples viver em sociedade determina nossa existência como sempre em estado de alienação, porém o que pode variar é o nível de maior ou menor alienação, e neste caso, se existe este caráter de impossibilidade de não nos alinharmos com verdades mortas (como o próprio Sartre demonstra, a terra ser redonda em si é uma verdade morta. Mesmo que até isso seja contestado nos dias de hoje), então o sujeito pode fazer uso de sua liberdade para constituir grupos que tenham em seus cernes verdades mortas que não estejam ligadas a formas de dominação, ou seja, que trabalhem hoje para construção de verdades que se perpetuem para as futuras gerações como verdades mortas que as auxiliem a se desenvolver crítica e reflexivamente e os levem a utilização desta verdade morta apenas como uma forma de trampolim da onde saltam em direção a maneiras mais solidárias e de menor nível de alienação.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**: tradução Alfredo Bosi. 5^o ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

CECCARELLI, P. R. A patologização da normalidade. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 33, p. 125-136, jul. 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000100013&lng=pt&nrm=iso . Acessado em 30 jul. 2020.

DUTRA, L. V. Hermenêutica, linguagem e psicologia. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 18, n. 3, pág. 75-87, dez. 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2001000300006&lng=en&nrm=iso . Acessado em 14 de ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2001000300006>

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, A. I. O ENCONTRO COM O OUTRO EM JEANPAUL SARTRE. **Griot**, Amargosa, Bahia, v. 8, n. 2, p. 55-71, dez. /2013. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/570/289> . Acessado em: 1 abr. 2020.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MÉSZÁROS, I. **A Obra de Sartre**: busca da liberdade e desafios da história; tradução Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2012.

SANTOS, T. A. dos et al. O Materialismo dialético e a análise de dados quantitativos. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 27, n. 4, e0480017, 2018. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072018000400600&lng=en&nrm=iso . Acessado em 16 mai. 2020. Epub Nov 01, 2018. <https://doi.org/10.1590/0104-07072018000480017>

SILVA, F. L. E. Conhecimento e identidade histórica em Sartre. **Trans / Form / Ação**, Marília, v. 26, n. 2, p. 43-64, 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732003000200002&lng=en&nrm=iso . Acessado em 30 de jul. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-31732003000200002>

VIEIRA JUNIOR, C. A.; ARDANS-BONIFACINO, H. O.; ROSO, A. A construção do sujeito na perspectiva de Jean-Paul Sartre. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 119-130, abr. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000100010&lng=pt&nrm=iso . Acessado em 30 jul. 2020. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.1.119-130>.

SARTRE, J. P. **Vérité et existence**: texte établi et annoté por Arlette Elkaim-Sartre. France: Gallimard, 1989.

SARTRE, J. P. **Verdade e existência**: tradução Marcos Bagno; revisão técnica Bianca Faveret. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1990.

SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica: tradução Paulo Perdigão. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2015

SAES, S. F. A. 'Sartre: verdade e existência'. **Educação e Filosofia** (UFU. Impresso), v. 7, p. 215-216, 1993.

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: Ed. UFSC: Florianópolis, 2011.

SPOHR, B. A noção de psíquico na teoria do imaginário de Sartre. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 22, n. 4, pág. 907-926, dez. 2011. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642011000400011&lng=en&nrm=iso . Acessado em 13 de ago. 2020. Epub em 21 de nov. 2011. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642011005000027> .

Recebido em 23/06/2022

Versão corrigida recebida em 30/07/2022

Aceito em 06/08/2022

Publicado online em 15/08/2022

Indexadores: LATINDEX – DIADORIM – SUMARIOS.ORG –
LIVRE – ERIHPLUS – GEODADOS - GOOGLE SCHOLAR